

A PESQUISA-AÇÃO COM O RELATO PESSOAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti*
Cristiano Lessa de Oliveira**

Resumo

O presente trabalho objetiva investigar atividades de prática de retextualização de alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos a fim de captar possíveis mudanças ocorridas textual e discursivamente nas suas produções, concebendo a argumentação como atividade fortalecedora das relações humanas nas mais diversas esferas de atuação social. Reconhece as atividades de investigação com vistas à produção de gênero textual como propulsoras às discussões acadêmicas para o ensino de língua materna, possibilitando um estudo com base nos saberes e conhecimentos linguísticos dos sujeitos da EJA para que se possa debater a importância de atividades cuja tônica seja a “integração” do oral ao escrito. Insere-se numa linha de pesquisa de cunho qualitativo, uma vez que enfatizamos o processo interacional e não o produto das interações realizadas no ambiente de sala de aula. Analisaram-se, via questionários de satisfação, as sensações dos sujeitos envolvidos nas atividades durante o período de atuação, de forma que pudéssemos observar a contribuição da pesquisa no que diz respeito ao desenvolvimento de aspectos de ordem textual, linguística e discursiva dos alunos colaboradores.

Palavras-chave: Gêneros textuais discursivos. Relato pessoal. Educação de Jovens e Adultos.

Abstract

This study aims to investigate the retextualization students' practice activities at Education Program for Youths and Adults in order to capture possible changes in their textual and discursive productions, designing the argument as empowering activity of human relations in several spheres of social action. Recognizes the research activities aiming at the genre production as positivity to the discussions for teaching academic language, enabling a study based on knowledge and language skills of YAE subjects so that we can discuss the activities importance whose root is "integration" from oral to written. Part of a line of qualitative research, because we emphasize the interactional process and not the product of interactions performed in the classroom environment. It was analyzed through satisfaction questionnaires, the subjects' sensations involved in activities during the actuation period, so that we could observe the research contribution regarding the development of collaborator students in textual, linguistic and discursive aspects.

Keywords: Textual discursive genres. Personal narrative. Youths and Adults Education.

*Mestre em Educação - UFAL - richardcavalcanti@hotmail.com

** Doutor em Linguística - UFAL - lessacristiano@hotmail.com

Introdução

O estudo dos gêneros, atualmente, ocupa um grande espaço no processo de formação de sujeitos com vistas às suas práticas linguageiras. Tal debate, certamente, se dá pelo fato de concebermos, em corroboração com alguns postulados das teorias de gêneros textuais/discursivos, que é por meio de tal estudo que vemos o gênero como ação retórica cuja materialização discursiva se presta ao entendimento das práticas de atuação social. Com esse intuito, o presente trabalho pretendeu tratar da teoria de gêneros textuais/discursivos de forma prática com os alunos inseridos no Ensino Médio Integrado da Rede Federal de Ensino.

A bem da verdade, segundo Cavalcanti (2010, p. 41), “a escola é uma das agências sociais formadoras da cidadania”. Assim, percebemos, diante das falas de alguns professores e de algumas autoridades da área, que os alunos apresentam baixos índices de desempenho em leitura e escrita em contato com os gêneros escolarizados nos mais variados níveis de escolarização. Essa situação, ora apresentada, contempla discussões diacrônicas de algumas práticas de leitura e escrita nos ambientes escolares ao longo dos tempos.

Antunes (2003 apud Cavalcanti, 2010) nos alerta que para se descobrir as regularidades do funcionamento interativo da língua, por meio de contato com textos orais e escritos, é necessário levar os alunos a práticas discursivas as mais diversas, de acordo com as situações em que se inserem. A autora analisa que a escola por muito tempo concebeu o ensino de língua materna de forma passiva, ou seja, com evidência a um mutismo, fazendo com que os sujeitos ficassem calados, apáticos. Esse fato se deu para atender às necessidades daquela época, já que o modelo de escola apresentado era sinônimo de passividade e, conseqüentemente, suas práticas reproduziam aspectos desvinculados do social, do cultural e do político. Na análise dessa autora: “A escola, como qualquer outra instituição social, reflete as condições gerais de vida da comunidade em que está inserida” (2003, p. 20).

Nos dias de hoje, diante da grandiosa contribuição das ciências da linguagem e com o advento da Linguística Textual, as discussões giram em torno do sujeito leitor e produtor de textos a fim de despertar-lhe uma melhor desenvoltura em sua competência comunicativa. Os chamados textos escolarizados dão espaço a textos autênticos, cujo principal enfoque é o seu uso social, parafraseando as palavras de Kaufman e Rodrigues (1995). Essas autoras abordam sobre a necessidade de trânsito entre os textos didatizados e os autênticos.

Corroboramos ainda com Antunes (2003) no chamamento da nossa atenção para:

[...] apenas a fala informal não pode servir de suporte para o desenvolvimento da compreensão de como acontece a escrita de textos formais. Ou seja, só pelo contato com textos escritos formais é que se pode apreender a formulação própria da escrita formal. Conseqüentemente, só com textos orais os alunos não chegam à competência para o texto escrito (ANTUNES, 2003, p. 53).

Nesse sentido, a escola, como iniciante no processo de letramento formal, deverá proporcionar um contato do sujeito com textos das mais variadas esferas de atuação, visto que é no despertar da autenticidade que se reforça a ideia de autoria. Para Geraldí (2005), a

atribuição do termo linguagem deve considerar a subjetividade, ou seja, a relação entre linguagem, funcionalidade, intersubjetividade e o papel mediador do homem com o mundo. Conseqüentemente, as práticas de língua(gem), levando-se em conta os postulados aqui ora apresentados devem estar calcados no trabalho com a lectoescrita de gêneros textuais.

Tal trabalho visa a uma minimização da deficiência linguístico-textual dos alunos inseridos no ensino médio integrado, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Com efeito, reconhecemos a viabilidade discursiva deste trabalho, cuja tônica permeia a teoria dos gêneros textuais, pelo fato de entendermos que é por meio de um projeto de intervenção que contribuimos socialmente para a mudança da realidade em voga. Com esse intuito, a presente pesquisa trata-se de atividades de retextualização com o gênero Relato Pessoal na Educação de Jovens e Adultos.

1 O processo de retextualização como ferramenta de transposição de modalidades

O processo de *Retextualização* é algo que está presente na sociedade e é peça fundamental para que a comunicação perdure. A presença da escrita é constantemente evidenciada em contextos sociais da vida cotidiana e está em paralelo com a oralidade. Mesmo se reconhecendo diferenças entre a língua falada e a língua escrita, convém ressaltar que, depois de algumas investigações, os resultados já evidenciaram que a questão é complexa e bastante variável, pois se percebe que as semelhanças são bem maiores que as diferenças entre as duas modalidades da língua (MARCUSCHI, 2005).

Ainda segundo Marcuschi (2005, p. 45), as relações entre a modalidade de fala e a modalidade da escrita podem ser mais bem entendidas quando observadas no *continuum* dos gêneros textuais. Significa dizer que tanto a fala como a escrita apresentam um *continuum* de variações, ou seja, a fala varia e a escrita também. Tal processo vai desde os bilhetes ou cartas pessoais a artigos de revistas ou ainda receitas culinárias e conversações informais do cotidiano das pessoas, como também as formas variadas de conversação em uma academia, ou júri, como textos científicos nas áreas da medicina, comércio, burocracia oficial etc. Em suma, o estudo das atividades de retextualização se aplica ao entendimento das operações recorridas pelo sujeito em seu processo de transcrição (ou transcodificação) do oral ao escrito e vice-versa.

O gênero em pauta – o Relato Pessoal – segundo Costa (2008, p.159), pode ser definido como: “narração (v.) não ficcional escrita ou oral sobre um acontecimento ou fato acontecido, feita geralmente usando-se o pretérito perfeito ou o presente histórico”. Nesse sentido, a escolha do gênero se deu pela nossa forte convicção, como pesquisadores, que é por meio de um gênero multimodal que podemos investigar o processo de transposição do oral ao escrito.

2 A metodologia da pesquisa-ação e as categorias de análise

A pesquisa-ação se insere nas metodologias de pesquisa de base qualitativa. Dessa forma, houve a sensibilização dos sujeitos em salas de Educação de Jovens e Adultos, do turno noturno, para que se entendesse a pretensão de formação de um grupo de estudos, que inicialmente se encontraria quinzenalmente, por três horas, para trabalhar com aspectos linguísticos, textuais e discursivos em prol de um melhoramento de suas práticas languageiras.

As categorias investigadas neste estudo estão pautadas a partir de uma abordagem de cunho sociorretórico, em que no processo de oralização e transposição ao escrito são passíveis de observação. Intentamos observar nas aulas/oficinas realizadas as verbalizações dos colaboradores em todos os momentos, bem como as marcas de oralidade impressas nos seus textos escritos. Ademais, observamos suas sensações com relação à receptividade das práticas de língua(gem) dispostas pelos pesquisadores no tocante à disciplina Língua Portuguesa. Os aspectos de cunho interativo-conversacional foram apresentados aos colaboradores a fim de que se inteirassem de tais elementos presentes em textos orais e, por vezes, transportados ao escrito. Além disso, os alunos puderam ter uma melhor familiarização com o gênero em tela – o gênero Relato Pessoal – visto que lidamos com a teoria de gênero numa análise sociorretórica; e, desse modo, os alunos colaboradores foram estimulados a partir de uma ação social a verbalizar e a escrever os seus relatos pessoais.

A bem da verdade, concebemos o gênero relato como predominantemente narrativo, mas há de se reconhecer a presença de sequências tipológicas expositivo-argumentativas, cuja presença de tais elementos podem suscitar estudos de natureza argumentativa, pois em sua enunciação o relator pode se valer de avaliações e de coda. Este último aspecto como elemento predominantemente narrativo, enquanto que o primeiro se enquadra como argumentativo.

Ressignificamos que elegemos as teorias da pesquisa-ação por vermos nesse aporte teórico-metodológico, parafraseando Ibiapina (2008), a possibilidade de construção e reconstrução de saberes socialmente elaborados. Portanto, o nosso trabalho pauta-se em oficinas de leitura e produção de textos, em que os alunos desenvolvem suas capacidades comunicativas, tornando-se capazes de ler, interpretar, produzir e oralizar fatos por eles vivenciados, posicionando-se criticamente com relação à realidade social em que estão inseridos.

Nesse sentido, a visão pragmática¹ de língua esteve presente nas oficinas para que tanto professor quanto aluno se sentissem motivados a perceber os enfoques linguísticos, culturais e sociais que subjazem à língua. Tal ação, de fato, possibilita a contribuição da assunção da identidade linguística dos atores engajados. Ademais, entendemos que o local de aplicação da pesquisa é carente de ações que pleiteiem o trabalho com o texto como unidade de sentido; e é via extensão de ensino que podemos estreitar os laços entre Instituição e comunidade, e até mesmo entre educadores de áreas afins às teorias de estudo do texto.

Ainda com relação à metodologia, inserimo-nos numa linha de pesquisa de caráter qualitativo, pelo fato, sobretudo, de haver ênfase no processo interacional e não no produto das interações realizadas no ambiente de sala de aula. Ao tratar da natureza da pesquisa

qualitativa, Moreira (2002) aborda as características básicas dessa metodologia, apresentando os seguintes itens. A pesquisa qualitativa inclui: 1) A interpretação como foco. Nesse sentido, há um interesse em interpretar a situação em estudo sob o olhar dos próprios participantes; 2) A subjetividade é enfatizada. Assim, o foco de interesse é a perspectiva dos informantes; 3) A flexibilidade na conduta do estudo. Não há uma definição *a priori* das situações; 4) O interesse é no processo e não no resultado. Segue-se uma orientação que objetiva entender a situação em análise; 5) O contexto como intimamente ligado ao comportamento das pessoas na formação da experiência.

Integrando o arcabouço teórico dos estudos qualitativos, a pesquisa-ação também é assumida como metodologia deste Projeto, uma vez que “além de compreender, visa a (sic.) intervir na situação, com vistas a modificá-la” (SEVERINO, 2007, p. 120). Nesse sentido, nosso trabalho analisa as atividades de prática de retextualização de alunos da Educação de Jovens e Adultos, objetivando a captação de aspectos linguísticos, textuais e discursivos produzidos nas modalidades oral e escrita na elaboração do gênero Relato Pessoal.

3 Contribuições da análise de conservação para o estudo de gêneros predominantemente orais/multimodais

A área da Análise da Conversação, além de pertencer a um campo da Linguística que se detém nos aspectos discursivos da linguagem, apresenta também um arcabouço metodológico que lhe serve de base para análises e interpretações. Diante disso, ela dispõe de um procedimento metodológico característico, que auxilia o analista conversacional no tratamento dos dados. Para Cestero Mancera (2000), as investigações nessa área hão de realizar-se através de análises exaustivas de dados reais, em situações concretas de uso da língua. Assim, também tomamos os estudos conversacionais como procedimentos metodológicos, conforme já suscitado neste trabalho.

As questões teóricas que envolvem esse campo conduzem a utilização de uma metodologia que se caracteriza por quatro passos: 1) a coleta de dados; 2) a transcrição minuciosa das gravações; 3) a análise dos dados; e 4) a apresentação dos resultados (CESTERO MANCERA, 2000). O primeiro passo diz respeito à coleta de dados, que necessitam ser gravados a partir de conversações ocorridas de forma natural. A gravação dos dados permite a observação continuada da interação, fator importante tanto para a transcrição quanto para o desenvolvimento das análises.

O segundo passo se relaciona com a transcrição minuciosa do material coletado. Esse ponto é muito importante para a pesquisa, uma vez que permite a escuta repetidas vezes, facilitando a localização dos fenômenos estudados. Serão usadas as normas de transcrição de Marcuschi (1997), sabendo-se que não há uma melhor maneira de transcrever os dados, já que, para cada tipo de pesquisa, há uma forma mais adequada de transcrição.

O terceiro passo é a descrição detalhada das interações a partir das transcrições, ou seja, a análise dos dados. As análises dizem respeito ao minucioso exame dos fenômenos estudados. O quarto passo diz respeito à apresentação dos resultados, finalizando as análises com as conclusões obtidas pelo analista da conversação. Os resultados são abertos,

isto é, prestam-se a comparações com outros tipos de materiais e a réplicas por parte de outros analistas ou do próprio pesquisador em etapas posteriores.

Nas pesquisas em Análise da Conversação, área investigativa na qual este trabalho se insere, é de fundamental importância que os dados falem e que, por intermédio de sua voz, os analistas conversacionais descrevam as realizações da linguagem que se efetivam nas interações faladas. De acordo com Fávero et al (2010, p. 99), o pesquisador pode iniciar seus trabalhos a partir de seus parâmetros teórico-metodológicos, entretanto, o que ele precisa “é estar aberto à possibilidade de discutir e rever seus princípios à luz das revelações do novo estudo”.

4 A língua portuguesa com vistas ao trabalho com os gêneros textuais/discursivos na educação básica

Durante muito tempo, o ensino da Língua Portuguesa esteve atrelado aos estudos sobre descrição, codificação e decodificação da língua. Esse posicionamento, tradicional e normativo, não leva em consideração vários fatores que, necessariamente, estão envolvidos no processo de ensinar e aprender uma língua como, por exemplo: o contexto de uso, as estratégias de leitura, tanto as de ordem linguística quanto as de ordem cognitivo discursiva, mobilizadas pelos leitores a fim de levantar possíveis hipóteses, validar ou não suas hipóteses, bem como preencher as lacunas que um texto pode apresentar (KOCH; ELIAS, 2006).

Com o desenvolvimento dos estudos em Linguística, sobretudo, os de áreas como a Pragmática, a Linguística Textual, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, observa-se um novo olhar com relação à língua(gem), entendida, agora, do ponto de vista dos interlocutores, da interação que acontece entre os sujeitos. Nessa perspectiva, o texto assume um papel fundamental na constituição desses sujeitos, sendo o “lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos” (KOCH e ELIAS, 2006, p. 7). Em decorrência, a ação de ler um texto requer dos interlocutores muito mais do que o simples conhecimento linguístico por eles compartilhado. Para as referidas autoras, em todo e qualquer texto, há uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, apenas detectáveis pela mobilização do contexto sociocognitivo, no qual estão inseridos os atores.

Dessa forma, a linguagem não é mais considerada como expressão do pensamento, como um ato monológico e individual, nem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação, numa visão de que a língua é um código que transmite mensagens de um emissor para um receptor; mas deve ser entendida como processo de interação humana, “de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico” (TRAVAGLIA, 2006, p. 23).

Esse é um posicionamento também defendido por Koch (2007, p. 7), quando afirma que o processo de produção textual “é concebido como atividade interacional de sujeitos sociais, tendo em vista a realização de determinados fins”. Essa característica representa a visão sociointeracionista da linguagem, segundo a qual a construção de um texto exige do sujeito

a mobilização de inúmeras atividades cognitivas discursivas que irão dotar o material textual de elementos que serão responsáveis pela construção de sentido. Dessa forma, o sujeito produtor/organizador do texto realiza o processo de produção “sob a influência de uma complexa rede de fatores, entre os quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, convicções, atitudes dos interactantes, os conhecimentos (supostamente) partilhados, as expectativas mútuas, as normas e convenções socioculturais” (KOCH, 2007, p. 7).

Nessa perspectiva, surgem os gêneros textuais/discursivos como fenômenos históricos vinculados à vida cultural e social, sendo eventos sócio-discursivos, uma vez que se empregam nas mais variadas situações comunicativas e em qualquer contexto discursivo, observando sua dinamicidade, pois não sendo instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa, possibilitam toda uma mobilidade e uma transmutação ao mesmo tempo. Nesse sentido, consideremos a infinidade de gêneros atuais existentes dadas às mudanças tecnológicas se comparados com outras épocas; tomando por base o universo tecnológico onde estamos imersos.

Os gêneros textuais/discursivos também podem ser observados à luz dos estudos retóricos, sendo definidos pelas semelhanças nas estratégias ou formas nos discursos, pelas semelhanças nas audiências, pelas semelhanças nos modos de pensar, pelas semelhanças nas situações retóricas, gerando assim certo problema a uma análise teórica, bem como a uma análise crítica (MILLER, 2009). A teoria de gênero como uma ação social engendra o conceito retórico de gênero na funcionalidade, ou seja, a convencionalização cuja utilização é aparente ao estudo do gênero.

Nesse sentido, a ação retórica corresponde a uma situação e a um motivo, seja simbólica ou não, é interpretável a partir do contexto de situação e pela atribuição de motivos. Nesse sentido, o gênero Relato Pessoal é levado a efeito em momentos interativos de sala de aula de língua materna, cujo objetivo visou à captação das sensações dos alunos com base em sua imersão ao trabalho com tal gênero. Ademais, as atividades de retextualização foram usadas não somente para investigação das operações recorridas na transposição do texto oral ao escrito, mas também pelo enveredamento de um estudo no campo das sensações dos sujeitos com relação a disciplina Língua Portuguesa, com base na experiência didática vivenciada.

Como podemos perceber, este trabalho está inscrito na categorização da produção oral/escrita do gênero Relato, por se dispor de sequências textuais expositivo-argumentativas; e por crermos estar tratando de instrumentais importantes às práticas linguageiras dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Temos consciência de que para se chegar ao texto narrativo-argumentativo escrito foi necessário despertar o interesse pela leitura de textos em prosa; bem como uma melhor consciência sobre aspectos da oralidade durante as aulas/oficinas de língua materna realizadas. Com efeito, os alunos colaboradores puderam se sentir motivados às atividades de retextualização sugeridas pelos pesquisadores.

Além do mais, temos a compreensão que enveredar por projetos de pesquisa cujos sujeitos colaboradores são alunos da Educação de Jovens e Adultos nos ampara nos princípios e conceitos instituídos no Documento Base para o trabalho com essa modalidade de ensino, em que:

O processo de construção do conhecimento é individual, entretanto, ele é mediado por múltiplas formas de interação social, incluindo-se aí as práticas escolares propostas pela instituição, viabilizadas pelo educador e compartilhadas entre o grupo de alunos. A construção coletiva de conhecimento contribui para tornar os conteúdos significativos para o grupo, além de propiciar a cooperação entre os educandos, possibilitando avanços cognitivos e afetivos (SEPTEC/MEC, 2009, p. 29).

Diante disso, reconhecemos nessa concepção o princípio básico circunscrito ao longo desta pesquisa que é a interação. Essa interação em nosso trabalho é mediada, sobretudo, pela linguagem enquanto espaço comum de aproximação entre os interlocutores. Outro aspecto que nos despertou interesse como pesquisadores é a possibilidade de integrarmos aluno(s) do Curso Técnico (alunos bolsistas) com alunos da Educação de Jovens e Adultos nessa rede de relações de saberes.

Por fim, reiteramos que o envolvimento em um trabalho de pesquisa cuja língua materna está no cerne das atenções da investigação, certamente, possibilita um repensar no currículo de ensino para a Educação de Jovens e Adultos, visto que o atendimento a tal modalidade de ensino é embrionária em nosso *Campus* e merece as atenções devidas a esses sujeitos cujos conhecimentos prévios subjazem ao conhecimento científico.

5 Sujeitos da pesquisa, relato das aulas/oficinas e análise das sensações dos colaboradores com relação à experiência didática

Neste tópico, apresentamos, sucintamente, os sujeitos colaboradores da pesquisa a fim de melhor caracterizá-los para entender as suas respostas no questionário de satisfação ao término da experiência didática. Em seguida, discutimos as aulas/oficinas no trabalho com o gênero textual/discursivo Relato Pessoal. Imprimimos, bem como, as sensações dos colaboradores com base no questionário de satisfação respondido ao final dos encontros.

Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa totalizam sete colaboradores. Alunos inseridos no Curso Médio Integrado PROEJA – Programa de Educação de Jovens e Adultos, com qualificação (em andamento) em Informática e em Processamento de Alimentos, do turno noturno. Os colaboradores, em sua maioria, são de faixa etária jovem, já que somados os percentuais de 57% (cinquenta e sete) para os que estão na faixa de 20 a 25 anos com 14% (quatorze) para os que estão na faixa de 26 a 35 anos, somam 71% (setenta e um). Além disso, todos os envolvidos na pesquisa, ou seja, a totalidade de colaboradores, trabalham. A sua maioria advém da rede pública de ensino (86%) e todos estudaram seu ensino fundamental em salas que funcionavam diurnamente. Esse último dado demonstra um tempo razoável que esses alunos migraram da escola para ocupar os seus espaços no mundo do trabalho. A disciplina que alegaram mais gostar no ensino fundamental foi História, enquanto a de maior dificuldade foi Matemática. Como esses sujeitos estão inseridos na fase II dos cursos mencionados, eles já puderam fazer uma avaliação atual da disciplina que mais têm afinidade e Língua Portuguesa ocupou o primeiro lugar seguido de Matemática.

Como o trabalho teve categorias que versaram a AC (Análise da Conversação), tivemos o interesse de saber no questionário-perfil qual era a afinidade dos alunos com a oralidade; os resultados ficaram equilibrados entre os que gostavam de falar e os que

alegaram só gostar de falar com pessoas com que têm aproximação. Ainda com relação à oralidade, perguntamos se nas aulas há mais uma valorização da oralidade ou da escrita; e, nesse sentido, os colaboradores avaliaram que havia uma supremacia da escrita em detrimento da oralidade. Esse dado apenas veio a reforçar aquilo que nós ao apresentarmos o projeto de pesquisa já suspeitávamos. Apenas um colaborador alegou haver um equilíbrio entre a oralidade e a escrita; isso demonstra um olhar desse colaborador mais aguçado a possíveis atividades realizadas nas práticas didáticas atuais, a exemplo do debate regrado, seminário, apresentação de trabalho, dentre outros gêneros multimodais (que intercalam o oral ao escrito e vice-versa).

O projeto em tela, ao ser apresentado aos colaboradores, visou ao processo de produção de gêneros da modalidade oral na transposição do escrito; mesmo assim, os alunos ao responderem o questionário-perfil deixaram claro que gostaria de dominar melhor as regras gramaticais. Esse dado, a nosso ver, é importante, pois salientamos que as salas de PROEJA são campos investigativos ricos para o estudo das variações linguísticas, porém há de se reconhecer que a percepção entre o oral e o escrito, ora nas semelhanças, ora nas dessemelhanças são mecanismos de viabilidade nas aulas de língua materna.

6 Relato das aulas

Inicialmente, como na maioria das pesquisas-ações de cunho interventivo, planejamos que os nossos encontros acontecessem quinzenalmente, porém em dados momentos, por conta da própria dinâmica do calendário escolar da rede de ensino, por vezes, encontramos-nos semanalmente a fim de não perdermos a dinâmica da unidade didática proposta. Os encontros aconteceram às quintas-feiras, no turno vespertino, em torno de duas horas e meia a três de duração. Ao término da aplicação da pesquisa, totalizaram-se seis encontros de três h/a cada. O tempo de estada no lócus da pesquisa foi de quatro meses.

Os encontros contaram com a presença dos pesquisadores, além dos alunos colaboradores. Os momentos foram divididos com base na teoria conexionista do ensino implícito e do explícito, com base na sequência didática com gêneros argumentativos de Cavalcanti (2010). O primeiro momento versou a apreensão de conceitos linguísticos, textuais e discursivos implícitos ao trabalho com gêneros da narrativa – em nosso caso, o gênero Relato Pessoal. No segundo momento, foram apresentadas as categorias concernentes à fala, à escrita e à noção de gênero textual. No último encontro, os pesquisadores aplicaram um questionário de satisfação aos colaboradores a fim de captar suas sensações com relação à experiência vivenciada. A seguir, demonstraremos alguns desses dados, discussão extremamente relevante ao entendimento de algumas práticas de ensino de língua materna na educação básica.

7 Análise das sensações dos colaboradores

Como tratamos anteriormente, os colaboradores foram solicitados a responder a um questionário de satisfação ao término da unidade de ensino. Com base nele, pudemos apreender algumas sensações que se afinaram com as hipóteses iniciais ao nosso estudo, dentre elas: em que medida um projeto de intervenção pode ajudar os sujeitos inseridos na Educação de Jovens e Adultos a melhorarem as suas práticas de oralidade e de escrita. Nesse sentido, os colaboradores avaliaram as aulas como extremamente relevantes às suas práticas linguageiras cotidianas; além de alegarem que, com base na sequência aplicada, tiveram a oportunidade de perceber o gosto pela oralidade e pela escrita nas mais variadas esferas de circulação do gênero relato. Nesse sentido, reconhecemos que as gravações das verbalizações dos colaboradores nos encontros lhes serviram para refinarem a sua competência comunicativa; além de deixá-los conscientes das pausas e hesitações, naturalmente, presentes em seus textos transcritos.

Entretanto, temos a consciência de que os alunos ficaram mais desenvoltos em seus relatos escritos, já que na escrita temos oportunidade de rever o discurso impresso. Tal alegação foi feita por eles ao responderem à pergunta com esse viés. Acreditamos que alguns já pensam que os textos utilizados na oralidade são mais espontâneos e ao mesmo tempo mais dinâmicos na ação verbal, visto que o tempo de planejamento do discurso, comparado ao discurso escrito, é bem menor. No tocante à pergunta sobre em que momento os colaboradores se sentiram melhor, eles alegaram se sentirem melhor no momento de leitura e interpretação de textos narrativos, bem como na escrita de relatos pessoais. Ainda nesse viés, o estudo dos marcadores da oralidade ocupou um espaço razoável pelos colaboradores, demonstrando assim a relevância de um estudo às categorias dos gêneros da oralidade, despertando assim uma atitude metalinguística entre os falantes.

A fase do ensino explícito, ou seja, o momento em que eram conceituados os elementos constituintes dos textos lidos e escritos foi avaliado, na totalidade, pelos colaboradores como o melhor momento às suas aprendizagens. Quando perguntados sobre as suas sensações com relação à disciplina Língua Portuguesa, os alunos reforçaram algumas das suas respostas no questionário-perfil, isto é, demonstraram um grande interesse pela disciplina e, alguns alegando, tê-la como a que mais lhes ajudaria no seu dia a dia. A experiência foi tida pelos colaboradores como proveitosa na medida em que trabalhou com aspectos de ordem textual (a noção de gênero e sua forma composicional), linguística (marcadores conversacionais, aspectos morfosintáticos) e discursivos (a análise dos elementos constitutivos do discurso narrativo: sinopse, avaliação, ação complicadora e coda).

Algumas considerações finais

Intentamos, com este trabalho, despertar novos olhares para as práticas investigativas de língua(gem) na Educação de Jovens e Adultos, contribuindo de forma significativa na formação humana desses sujeitos, garantindo o acesso à educação pública, gratuita e de qualidade, conforme defende o documento base do Programa Nacional de

Integração Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, de 2009.

A bem da verdade, estudos de investigação que privilegiam a linguagem como forma de crescimento intelectual e científico proporcionam aos sujeitos uma maior atuação na sociedade multifacetada que ora se apresenta. Desmitificar o privilégio da escrita perante a oralidade é um dos grandes motes deste estudo, já que tem como base estudos de natureza sociorretórica com a etno metodologia da Análise da Conversação. Além disso, valorizar as práticas languageiras dos sujeitos da EJA contribui, significativamente, para um campo discursivo vasto em pesquisas de cunho acadêmico-científico no ensino de língua materna.

Notas

¹ A corrente linguística conhecida como Pragmática entende que “o estudo da linguagem deve ser realizado enquanto prática social concreta, preocupando-se em examinar a constituição do significado linguístico a partir da interação entre falante-ouvinte (interlocutores) e do contexto situacional que determina os usos linguísticos nos momentos de comunicação” (SANTOS e OLIVEIRA, 2009, p. 15). A proposta de Projeto de Extensão coaduna-se com esse posicionamento teórico, pelo fato de assumir as práticas textuais enquanto atividades discursivas complexas, bem como considerar os sujeitos como atores sociais que, dialogicamente, constroem-se e são construídos no texto, “considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores” (KOCH, 2006, p. 11).

Referências

- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BRASIL. **PROEJA**: Documento Base. MEC/SEPTEC: Brasília, 2009.
- CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa. **O ensino da argumentação**: uma experiência didática com o artigo de opinião no curso de Letras. Maceió, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, 2010.
- CESTERO MANCERA, Ana María. **El intercambio de habla en la conversación: análisis sociolingüístico**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2000.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- FAVERO, Leonor Lopes et al. Interação em diferentes contextos. In: BENTES, Anna Christina e LEITE, Marli Quadros (orgs.). **Linguística de Texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Da fala para escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2005.

MILLER, Carolyn. **Estudos sobre**: gênero textual, agência e tecnologia. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel et al. Recife: UFPE, 2009.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de e SANTOS, Maria Francisca Oliveira. As relações pragmático-gestuais na construção de sentido, em contexto escolar. In: TAVARES, Roseanne Rocha (org.). **Linguagem em uso**. Maceió: EDUFAL, 2009.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho Científico**. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.